



Colégio Santa Cruz



PADRE LOURENÇO ROBERGE

RAZÃO, FÉ E SENSIBILIDADE



Publicação comemorativa dos 66 anos de Colégio Santa Cruz. A reportagem “Padre Lourenço Roberge: razão, fé e sensibilidade” é parte de uma série mais abrangente, “Santa Cruz de perfil” (de retratos diversos, com padres, educadores e funcionários da escola), encomendada a jornalistas e escritores, que se propõe reunir e recuperar a história do Colégio. Esta edição foi redigida pela jornalista Nanci Pittelkow (ex-aluna da turma de 1989).

Setembro de 2018

Série “Santa Cruz de perfil”

Projeto Editorial:

Fábio Marinho Aidar

Alejandro Miguez

Projeto Gráfico:

Fabiana Fernandes

“Padre Lourenço Roberge: razão, fé e sensibilidade”

Redação:

Nanci Pittelkow

Revisão:

Tânia Sandroni

Diagramação:

Paola Nogueira

PADRE LOURENÇO ROBERGE

RAZÃO, FÉ E SENSIBILIDADE

Estudioso, culto, discreto e engajado, missionário e firme em suas convicções, Padre Lourenço Roberge faz parte da história do colégio. Ele desembarcou no Brasil em agosto de 1968 – há 50 anos – para deixar várias marcas no Colégio Santa Cruz. Entre missões na Índia e sonhos de atuar no Nordeste do Brasil, consolidou o Marco Referencial da Educação Religiosa na escola, participou do pontapé inicial no Curso Supletivo, atual EJA – Educação de Jovens e Adultos, e contagiou gerações de pais, quando muitos se engajaram no trabalho no SAN.

1978. O garoto era um bom aluno. E aberto, e brincalhão... Um pouco preguiçoso, talvez. Um dia, entra no escritório do padre e anuncia:

- Eu não vou fazer essa tarefa de Ensino Religioso.
- Como assim, não vai fazer a tarefa? – O padre pergunta, atônito.
- Não vou, não sou católico! Então não vou...
- Peraí, não é assim...
- E tem outros colegas que também não são e não vão...

– Peraí! – O padre interrompe – Quantos assuntos eu ofereço para vocês pesquisarem e tratarem, hum? Tem assuntos bíblicos, tem assuntos sociais... vai fazer a tarefa, sim!

– Eu quero dispensa, vou falar com a minha mãe!

– Pode falar com a sua mãe. Ela deve saber que, de fato, faz parte do programa, que a Educação Religiosa é para todo mundo.

Foi o primeiro e único aluno, desde 1969, que tinha se recusado a fazer a tarefa de Ensino Religioso, naquele tempo chamado de Animação Espiritual.

O Ensino Religioso faz parte da grade curricular do Colégio Santa Cruz desde o 2º ano do Ensino Fundamental até o 9º ano. Mas, apesar da aparente decisão tomada pelo aluno não católico, dois dias depois a secretária liga para a sala do Padre, avisando que a mãe de um aluno gostaria de conversar com ele.

Logo na porta ela fala:

– Paaaadre Lourenço! Venho para falar do meu filho!

– Pode sentar.

– Olha, padre: eu escolhi este Colégio por causa da Educação Religiosa. Ele vai fazer as tarefas, padre. Pode ficar tranquilo. Eu já conversei e ele entendeu.

– Pois então! Fiquei um pouco surpreso que ele não quisesse fazer.... Se não fizer, tem que falar com a direção, porque o Colégio aqui é assim mesmo. É do programa.

Depois, consta que o garoto fez as tarefas sem mais problemas, e muito bem, por sinal.

Aos 83 anos, completados em 11 de janeiro, Padre Lourenço Roberge ainda ri com espanto da ousadia do aluno que se recusou a fazer as tarefas da sua disciplina. Talvez seu espírito canadense ainda não tenha se acostumado com a ginga brasileira, mesmo depois de 50 anos de Brasil.

Memórias que se cruzam: a aluna que fez a primeira comunhão e a confissão com Padre Lourenço em 1983 se lembra de um homem alto e sério, mas o mesmo padre que a recebe em uma casa da Congregação de Santa Cruz, em Campinas, numa manhã fria de inverno em 2018, parece menor e muito afetuoso. Protegido por colete, blazer e boina de lã, oferece café e abrigo em uma sala aconchegante para uma conversa longa.

Padre Lourenço chegou ao país junto com o Padre Roberto Grandmison, em 9 de agosto de 1968. História conhecida, ambos foram estudar Português em um centro em Petrópolis – RJ. No dia 13 de dezembro, veio o Ato Institucional número 5. Havia muitos estrangeiros lá, da Holanda, da França e de outros lugares, vindos por meio de igrejas ou simplesmente para trabalhar. O centro de estudos da língua não era bem visto pelos militares

que governavam à época. Era melhor deixar o local. Mesmo com a volta prevista para dia 20 de dezembro, poucos dias depois, eles fizeram as malas no mesmo dia e chegaram a São Paulo no dia 14.

Padre Lourenço e Padre Roberto, mesmo sendo ambos da Congregação de Santa Cruz, não se conheciam antes da viagem para o Brasil. Padre Roberto ainda era diácono. E Padre Lourenço havia voltado recentemente da Índia, onde fora missionário por seis anos no nordeste do país, em Assam, ao norte de Bangladesh e já próximo a Myanmar. “Antes de ir para Assam, estive em Bangladesh, onde estudei bengali. Quando os chineses invadiram o norte da Índia, em 1962, eu estava no país.” Em 1967, ocorreu um novo conflito, com invasão chinesa, movimentos de separação e guerrilhas. Os chineses se retiraram, mas o governo da Índia tornou aquela área restrita para estrangeiros. “*Restricted area*, e eu fui obrigado a ir embora. Voltei ao Canadá, onde realizei um curso de oito meses em Liderança Social na Nova Escócia. Escrevi um projeto para a Índia, mas, com a impossibilidade de voltar para lá, o projeto foi engavetado.”

O missionário então teve de decidir entre ir para o Haiti ou vir para o Brasil, países onde a Congregação já atuava naquela época. O superior queria que dois padres seguissem para o maior país da América do Sul, e o Padre Roberto já havia concordado. Além disso, Padre Lourenço tinha tido um amigo que gostava muito do País. “Era o Padre Maurício Larivière, que estudava Física na USP e dava aulas no Colégio Santa Cruz.” Infelizmente o Padre Maurício havia falecido em 7 de novembro de 1966, aos 32 anos.

Brasil, então. Na bagagem, Padre Lourenço trazia a ideia de trabalhar no Nordeste, onde a Congregação ainda não atuava. Com educação popular e, talvez, na organização de uma escola técnica baseada nos sistemas de cooperativas, como havia conhecido no curso de Liderança Social. Além disso, tinha os contatos de instituições que poderiam ajudar a angariar fundos e custear o projeto. “Estávamos em uma época desenvolvimentista, e com a população de barriga vazia não adiantava fazer missão religiosa”.

Alguns entraves surgiram. O superior exigia que fossem dois ou três padres coordenar uma nova ação no Nordeste, e Padre Roberto já havia se mudado para o Jaguaré logo que chegou ao Colégio em dezembro. Outra questão mais premente era que as instituições e ONGs que Padre Lourenço conhecia se recusaram a atuar no Brasil depois da ditadura e especialmente depois do AI-5. Não era difícil de entender o porquê. “Depois de algum tempo, Padre Roberto estava trabalhando com a alfabetização de adultos com o método Paulo Freire quando um pai de um aluno do Colégio veio me alertar: ‘Padre, avise o Padre Roberto, eu fiquei sabendo que, se ele não parar com essa alfabetização, ele vai ser preso...’ – e ele teve que parar.”

Naquele fim de 1968, Padre Lourenço foi muito bem recebido pelo Padre Lionel Corbeil, diretor da escola, e Padre Eugène Charbonneau, vice-diretor, que apresentaram o Colégio e suas possibilidades. Acabou se interessando por ficar, mas não queria dar aulas de Francês, que lhe foram oferecidas, a não ser como substituição. Nunca havia dado aulas.

“Eu queria ser religioso, irmão ou padre. Senti um tipo de apelo – porque via países prejudicados, como as colônias, que precisavam desse tipo de trabalho – e minha natureza me chamava. Eu tinha conhecido um padre no Canadá que era chamado de Père Blanc; eram padres canadenses que trabalhavam especialmente na África. Mas eu estudava no colégio dos padres de Santa Cruz. Então o meu orientador perguntou, quando eu disse que queria entrar na outra ordem: ‘por que não vem para a nossa Congregação?’ Eu queria ir pelo mundo, em missões.”

A Congregação de Santa Cruz já era reconhecida pelos projetos e pela vocação educacional.

“Aí ele deu risada e disse: ‘nós temos um voto especial; prometo que, se você tiver vocação, irá para as missões. Mas se você não tiver vocação missionária e for para os Pères Blancs que trabalham na África, você provavelmente vai trabalhar em Montreal na procura das missões para o resto de sua vida.’ Então, entrei na Santa Cruz e fiz o quarto voto, o de missão estrangeira, além de obediência, castidade, pobreza. Como Santa Cruz não tinha ainda missões na África, eu acabei indo para a Índia.”

A missão evangelizadora estrangeira de Padre Lourenço acabou encontrando seu lugar no Colégio Santa Cruz.

Em uma sala de aula repleta de garotos de 11 anos do 1º ano ginasial, apenas meninos, em 1969, um professor recém-chegado do Canadá, ainda não dominando o Português, entra para dar aulas de Animação Espiritual. “Sabe como é, né? Moleque! A gente, jovem, besta, tirava sarro do padre por causa disso, ensinava a falar errado. Muitas vezes aprontávamos na aula para sermos colocados de castigo”, conta Marcelo Papaterra Limongi, ex-aluno e hoje professor do Colégio.

O Padre Lourenço havia pedido para dar aulas de educação religiosa e entrou na vaga do Padre Claude Parent, que tinha voltado para o Canadá. Ao contrário da catequese, que deve ser paroquial e voltada especialmente para as famílias que professavam a fé católica, para Padre Lourenço a educação religiosa é aberta, respeitando a liberdade de crença de cada um. Uma educação para todos.

Alguns preceitos eram importantes para Padre Lourenço. “Se a gente não der valor, se for somente para alguns, se não for obrigatório, o jovem não vai; se for opcional, não funciona. Mas é necessário trabalhar com um grupo menor, metade da classe.”

Para ajudar na língua e na comunicação com os alunos, algumas pessoas sugeriram que Padre Lourenço procurasse os seminaristas dominicanos. Veio o Frei Tito de Alencar, que trabalhou na escola por todo o ano de 1969. “Ele tinha boa comunicação com os alunos, era exigente, escrevia muito bem. Era muito jovem.” Frei Tito tinha 24 anos e já havia sido preso uma vez por participar de um congresso da UNE (União Nacional de Estudantes). Naquele ano, foi preso novamente em 4 de novembro de 1969. Torturado, depois exilado, Frei Tito provavelmente cometeu suicídio em 1974, na França, quando tinha 28 anos. “Quando ele saiu da prisão e foi para o hospital, fez um relato à enfermeira sobre as torturas que sofreu. Ela fez cópias em estêncil e distribuiu para várias pessoas. Outro dia, quando estava arrumando minhas coisas, eu achei a cópia que tinha, mas não dava para ler mais, as letras haviam sumido.”

O compromisso inicial de Padre Lourenço era de ficar um ano e depois retomar a ideia de ir para o Nordeste. Mas era 1970, e o momento político não inspirava planos para educação popular.

Assim, prosseguia no ensino da religiosidade, não apenas da religião católica, na disciplina chamada Animação Espiritual. “Pelo nome, os alunos aceitavam bem: essa animação espiritual é animação em tudo...” Hoje, com olhinhos apertados, a risada tímida de Padre Lourenço ilumina as memórias. “Perguntavam: ‘que aula é agora?’ – Animação espiritual! Êeeeeee!”

“Ele tinha vindo da Índia, talvez estivesse desatualizado em questões de disciplina, mas com muita tranquilidade aprendeu a lidar conosco, *mauricinhos*. E deixamos de ser *mauricinhos*...”, reflete Marcelo Papaterra Limongi.

“Com mais experiência, eu tinha a turma na mão”, confirma Padre Lourenço. “E também, quando as meninas entraram, ficou muito mais fácil lidar com a disciplina em sala de aula”.

O primeiro grupo de meninas entrou em 1974, nas três primeiras séries de 1º grau (Fundamental I) e na 1ª série do 2º grau (Ensino Médio). No início dos anos 1970, o Colégio Santa Cruz passou a adotar o princípio da democratização do ensino, com a abertura da escola para meninas e dos cursos supletivos. O Plano Diretor de 1974, inspirado na filosofia cristã, preconizava “igualdade de educação a ser dada à moça e ao rapaz; – acesso para ambos os sexos a todos os setores de estudo em todos os campos”.

Assim, meninas e meninos conviviam nas salas de Ensino Religioso do Padre Lourenço Roberge, que também passou a dar contornos literários para sua missão, com livros da coleção “Volante de uma vida”, da editora Vozes,: “Crescer”, “Amar”, “Participar”, voltados para o adolescente e sua realização pessoal, educação sexual e afetiva, integração social e comunitária. E outros como “Relacionar-se”, “Esperança” “Corpo humano e sexo” e “Solitários nas trevas e solidários na luz”. Eram em parte usados no Colégio, e em outras escolas, para além das reflexões filosóficas, pois continham propostas para atividades e exercícios.

“Volante de uma vida” prefacia: “O adolescente é por definição inquieto, quando não irrequieto. Ele estará em crise se passar por fases de angústia; mas inquietação sempre terá. Pois é natural a uma inteligência jovem indagar: Qual o valor da experiência humana? Qual o sentido das atividades humanas? Qual o fim da corrida? Como ganhá-la?”

Foram 11 anos em sala de aula, de 1969 a 1980, além da coordenação da catequese opcional fora dos horários curriculares, com confissão coletiva na capela ou individual em sala, sempre conectado com sua missão cristã.

Em 1977, depois de suas férias no Canadá, Padre Lourenço participou de retiro e reunião entre os religiosos que lá estavam, em um momento em que a Congregação escolheu priorizar os pobres e ampliar, também no Colégio, o alcance de sua atuação. “O vice-superior provincial perguntou diretamente para mim: – ‘Por que você, Lourenço, sai da Índia, onde a pobreza é até pior que a do Brasil, e vai trabalhar no Colégio Santa Cruz, em São Paulo, e não no Nordeste?’ Respondi, de fato, pensávamos nisso e tínhamos organizando um curso noturno para os pobres, que era o Supletivo, então eu também trabalhava à noite para os pobres. E, por causa da ditadura, fazer um trabalho mais de transformação social seria difícil.”

Desde 1974 o Colégio Santa Cruz oferece cursos noturnos para alunos de setores economicamente mais carentes da comunidade. O “Supletivo”, como era chamado na época, começou com o Ensino Fundamental e passou a oferecer também Ensino Médio a partir de 1978. Hoje, esses cursos são chamados de EJA – Educação de Jovens e Adultos. Desde 2012 o Colégio também oferece cursos técnicos em Administração e Logística. Foi um dos primeiros colégios religiosos a instalar o curso supletivo após a Deliberação 14/73. Padre Lionel Corbeil, diretor do Colégio Santa Cruz, fazia parte do Conselho Estadual de Educação e tinha participado da relatoria da regulamentação dos cursos supletivos.

“Um dia o Padre Corbeil me disse: – ‘eu quero no Santa Cruz fazer uma experiência com o Supletivo.’ A escolha de Padre Lourenço para

encabeçar a criação do curso era natural, visto que ele já trabalhava com educação de adultos havia algum tempo. “A gente colocou televisão em várias capelas e também em igrejas e aí alguns fiéis que não tinham feito o curso primário iam fazer os estudos pela televisão, com aulas produzidas e veiculadas pela TV Cultura. Eu trabalhei com universitários, especialmente alguns professores da PUC, e com alunos do Ensino Médio e professores do Santa Cruz para ajudar nos telepostos, que duraram de 1972 a 1974.”

Para o processo de criação do Supletivo, Padre Lourenço convidou Sérgio Haddad. “Sérgio estava pronto para isso, muito mais do que eu, e ficou contente. Começamos a fazer os programas, Padre Corbeil ajudava nisso também.” E em 1974 o curso foi aberto.

Aos poucos eles foram chegando. Lentamente, olhar curioso. Insegurança natural em quem, depois de muitos anos, se dispunha a voltar. Primeiro um, depois outro, logo mais, três ou quatro. Não sabiam bem como ficar, a quem perguntar, onde chegar. Pareciam peixes fora da água. Alguns carregavam cadernos ou pastas. Outros nada traziam. Caminhavam pelos corredores e, atendendo ao nosso apelo, iam se sentando em uma ampla sala. Pouco conversavam. Na verdade, quase nada se ouvia. Por longos espaços de tempo o silêncio era total. Mesmo entre aqueles que chegaram com os seus pares e amigos. Examinavam com o olhar todo o espaço que a vista alcançava. As portas, as janelas, as claras paredes, a limpeza do ambiente, o jardim que se mostrava atrás dos vidros das janelas. Aguardavam. Pouco a pouco a sala foi se enchendo. No olhar de cada um as marcas de uma vida. Nos gestos, nas atitudes e no silêncio, o novo que começava a ocupar o Colégio Santa Cruz. Eram domésticas, contínuos, office-boys, balconistas, pessoas adultas, de diversas origens (e cores). Estavam sentados nas mesmas carteiras que na manhã seguinte os bem nascidos ocupariam com a energia e o trabalho que lhes são peculiares.

Olhei e me detive. Em cada olhar a dignidade e a esperança daqueles que viam na escola um caminho para a mudança. Estariam iludidos?

Estariam certos? A história aos poucos foi se construindo por suas interrogações, erros e acertos.

Tomei coragem, respirei e entrei.

– Boa noite. Estejam à vontade. A casa é de vocês.

(Haddad, Sérgio. **Uma proposta de educação popular no ensino supletivo.**

Tese apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do grau de Mestre em Educação. São Paulo. 1982)

Sérgio Haddad foi diretor do Supletivo, hoje EJA, até o início dos anos 1990. Mas iniciou sua história no Colégio Santa Cruz em 1963, quando entrou na 7ª série. Formou-se em 1967, entrou no curso de Economia da USP e, em 1969, no 2º ano da faculdade, voltou para o Santa Cruz, como professor no Fundamental e no Ensino Médio.

O ano de 1973 foi tomado pela criação da proposta para o curso, com discussões, conceitos, além de sua consolidação burocrática. “Padre Lourenço e eu redigimos Estatuto, Regimento Interno, programas. Além disso, ele ajudou a pensar o curso, era a ponte entre a direção da EJA e a Congregação, dando respaldo à proposta. E o Padre Corbeil sempre nos apoiou. Quando ele precisava falar do trabalho social da escola, tinha a EJA como uma referência importante. Além de ser uma escola que prestava serviço, era uma escola que era referência, produtora de conhecimento. Em plena ditadura, a gente fazia uma escola noturna com Paulo Freire, metodologia participativa, crítica, com conscientização... na saída da ditadura, ela já é vista como escola modelo.”

A recepção do Supletivo do Colégio Santa Cruz em sua comunidade já estabelecida teve nuances variadas. Algumas famílias dos cursos diurnos podiam não ver com bons olhos que seus filhos pequenos compartilhassem a mesma classe com os alunos do noturno. “Para alguns pais que moravam nas imediações do colégio, foi bastante útil por propiciar oportunidade de seus empregados poderem frequentar esse curso noturno”, conta Wagner Pittelkow, que foi secretário geral do Colégio Santa Cruz.

De fato, Padre Lourenço e Sérgio Haddad montaram uma equipe para divulgar o curso na região. “Fomos pelo Alto de Pinheiros – muitas alunas eram domésticas – Vila Ida, Vila Beatriz, Butantã, distribuimos folhetinhos, e o curso foi crescendo mais e mais”, diz Haddad. De 300 alunos em 1974, chegou a 567 em 1977 e a cerca de 700 alunos no início dos anos 1980.

Segundo Orlando Joia, diretor da EJA entre 1991 e 2017, nos anos 1980, com maior necessidade de escolarização da população e certo desenvolvimento econômico, o noturno chegou a ter 800 alunos. “Nos meus anos, todos no curso noturno, vi muitas mudanças de perfil entre os estudantes. Sempre tivemos muitas empregadas domésticas e gente de classe média baixa. Nos anos 1990, assistimos à entrada de muitos adolescentes e gente mais jovem. Nos anos 2000, a faixa etária voltou a subir; hoje a média é de 38 anos. Antes, tínhamos um grande equilíbrio de gênero, com 50% homens e 50% mulheres. A partir de 2000, temos dois terços de mulheres.” O Padre Lourenço esteve presente na EJA até 1987. “Eu tinha mais contato com ele na sala dos professores; era uma figura diferente, um padre presente”, relata Joia.

“No começo, ele tinha o cargo de vice-diretor”, explica Haddad. Foi ao Rio de Janeiro algumas vezes, a pedido de Padre Corbeil, pesquisar experiências avançadas de EJA. “Depois ele ficou mais com a parte de pastoral. Dava aulas de religião, recebia os alunos, ouvia os problemas, orientava, conseguia bolsas para os que não conseguiam pagar.” Nessa época, havia uma mensalidade simbólica, pois havia consenso de que os alunos deveriam pagar um valor mínimo para valorizar o curso. Hoje, os cursos noturnos são completamente gratuitos, funcionam com bolsas integrais, incluindo transporte e lanche.

Em 1975, vários alunos do Ensino Médio foram selecionados para estagiar no Supletivo. Inclusive Marcelo Papaterra Limongi, o mesmo que atormentava o padre de Animação Espiritual recém-chegado do Canadá, que ainda não dominava a Língua Portuguesa. “Eu tinha 17 anos e minha relação com Padre Lourenço mudou completamente. Nós, alunos do diurno,

pudemos conhecer o Padre Lourenço de verdade. Sua educação, sua delicadeza... Vimos como ele conversava com os alunos do noturno, procurando entender cada situação. Naquela época, éramos jovens revolucionários com ideais de ação política, mas não conhecíamos nada da realidade. Já o Padre Lourenço ia direto às situações de carência, oferecendo acolhida, compreensão, solidariedade... Para nós, toda aquela carência era uma novidade. E, no dia a dia, Padre Lourenço dava o amparo de que as pessoas precisavam. Foi muito rico acompanhar tudo isso, foi uma relação de aprendizado.”

“Aí, bateu o arrependimento de tudo o que eu tinha aprontado com ele no ginásio. Fui inclusive pedir desculpas. ‘*O que é isso...*’ Ele não guardava nenhuma mágoa. ‘*Desculpas? Nem me lembro...*’ É um exemplo de compreensão e respeito ao outro.”

Hoje, Papaterra, ou Pato, como é conhecido, é professor de Artes Plásticas e Teatro na EJA Santa Cruz, e está há 50 anos na escola...

No início de 2018, os cursos noturnos do Colégio Santa Cruz, incluindo EJA e Cursos Técnicos, contava com 632 alunos distribuídos em 21 classes.

Um capítulo da EJA é especialmente sensível para Padre Lourenço.

No fim dos anos 1970, foi feita uma experiência de Supletivo liderada pela Congregação na comunidade do Jaguaré. A professora Helena Henry Meirelles conta que entrou na EJA do Jaguaré em 1980. “Em 1985, o Padre Lourenço foi ser pároco no Jaguaré e atendia a unidade do noturno. Ele entrevistava os alunos para bolsas de estudo (apesar do valor subsidiado), dava atenção aos alunos mais problemáticos, dava aulas de religião, cuidava da pastoral...”

Em determinado momento, a Unidade passou a ser de responsabilidade da Paróquia São José do Jaguaré e da Irmã Michael Mary Nolan, do Colégio Santa Maria, também integrante da Congregação de Santa Cruz. O curso passou a ser chamado Supletivo Jaguaré. “Eu estava na coordenação quando houve essa passagem. Os alunos de lá eram menos estruturados, estavam em situação de maior vulnerabilidade.”

“Eram anos de inflação altíssima”, relembra Padre Lourenço.

“Ele trabalhava com muito empenho, batalhava muito pela Paróquia e pelo curso. Mas o Supletivo do Jaguaré deixou de ser sustentável e foi encerrado no final dos anos 80”, relata Meirelles, que deu aulas de matemática e português no que era o 1º grau. Nos últimos 10 anos, fazia coordenação e dava aulas de alfabetização. Aposentou-se há dois anos”.

“Depois do Jaguaré, ele foi para Campinas e depois para Mauá. Encontrei com ele nesse meio tempo e ele parecia muito contente em Campinas. Padre Lourenço tinha aparência séria, mas era muito querido por todos. Lembro-me de uma vez que ele voltou de férias no Canadá e mostrou as fotos da viagem com alegria...”

Foi justamente na volta de uma viagem para o congresso de escolas católicas, em 1980, que Padre Lourenço decidiu propor uma ação mais incisiva no quesito da formação cristã para os alunos do diurno. A ideia vinha sendo gestada desde 1977, depois da reunião no Canadá e da distribuição de uma carta aos membros da Congregação de Santa Cruz escrita e assinada pelo seu superior geral, Padre Barons, intitulada “Fome e sede de justiça”, que enfocava justiça social e fazia uma crítica aos trabalhos da ordem. “Como nossos colégios e universidades têm de mudar, em todos os lugares”, conta Padre Lourenço.

Já dizia Padre Eugène Charbonneau, em relato a Sérgio Haddad: “a gente pretendia por meio deste colégio formar uma classe de responsáveis em termos de nação que supunha todo um trabalho de conscientização profunda em termos de realidade brasileira e em termos de tradução da mensagem cristã em atuação.”

E Padre Lourenço, munido da carta de Padre Barons e das anotações reunidas em excelentes palestras feitas nesse congresso, trabalhou numa apostila para os alunos enfocando diversos aspectos de educação integral e justiça social. “Eu cheguei a propor educação aos VALORES SOCIAIS para uma educação moral e de cidadania: a justiça, a corresponsabilidade, o cooperativismo, a participação, o diálogo, a liderança, o serviço, a criatividade, a disponibilidade, a gratuidade, o civismo, o respeito ao bem comum, as diferenças étnicas e de cor, as diferenças econômicas. Havia educadores

interessados em elaborar uma forma de promoção desses valores e uma maneira de avaliar com conceitos ou notas o desempenho dos alunos.”

A apostila chegou ao Padre Corbeil, que elogiou a pesquisa e muitas das referências, mas discordou da linguagem. Entre as referências, os documentos resultantes da terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, que foi realizada em Puebla de los Angeles, no México, em 1979. Entre muitas das conclusões, os bispos atentaram para o fenômeno da desigualdade e da injustiça na América Latina, que gera uma situação de “pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos”, fato visto como “escândalo e contradição com o ser cristão”. A apostila de Padre Lourenço seguiu servindo de inspiração para outras ações da escola, como a prática de Ação Social, desde o Ensino Fundamental 2, e a eletiva de Práticas em Cidadania, do Ensino Médio.

E o espírito missionário de Padre Lourenço mais uma vez tentou levá-lo para longe.

“Em 1981, eu pedi um período sabático. Nos primeiros quatro meses, fiquei no Canadá. Queria voltar para a Índia, mas não sabia como estava. Com visto de três meses, fui estudar a situação. Passando por Portugal, França e, finalmente, sul da Índia, tentei voltar para o norte, onde trabalhara antes, e falaram que não podia, que ia ser preso. Os estrangeiros ainda tinham restrição. Fiquei um mês a mais do que permitia o visto. Fiz curso de hinduísmo. Depois fui para o Quênia, em meados de 1982. Passei por Ruanda, Nigéria – acompanhei a presença do Papa em Lagos. Cheguei a rezar uma missa em Português em Lagos para pessoas que tinham vindo de Angola para ver o Papa.”

Mas, mesmo distante, a missão de Padre Lourenço continuava rendendo frutos. Em 1987, surgiria o Programa Social Santa Cruz Jaguaré Caminhos (que ainda não tinha esse nome e formato). Mas, mesmo antes do Padre Roberto Grandmaison assumir a ação social no Jaguaré, o SAN – braço social do Colégio Santa Cruz criado na década de 1960 para integrar pais e alunos na prática de ações sociais para pessoas em situação de vulnerabilidade – já atuava na região, por influência do Padre Lourenço. Vale a pena resgatar essa cena:

Anos 1970. Uma chuva terrível. E um desmoronamento na favela do Jaguaré. Os moradores precisavam sair de suas casas, que estavam em risco, e ir para um alojamento perto do Ceasa, para um pavilhão providenciado pela prefeitura. Eles estavam relutantes em sair, embora muitos barracos estivessem desmoronando. Pais de alunos do Colégio Santa Cruz atenderam ao chamado de Padre Lourenço para ir ajudar a convencer e tranquilizar as pessoas.

“Isso começou com o curso de atualização religiosa dado pelo Padre Lourenço.” Quem conta é Márcia Abbud, professora de Ciências e Ensino Religioso do Colégio Santa Cruz nos idos dos anos 1970 e 1980. “O SAN já existia desde antes; atrás do colégio, na (Avenida) Arruda Botelho, havia um favelão. E um padre passou a atuar ali, nos barracos perto do córrego, providenciando encanamento, alfabetização e alimentação. Depois de um tempo, os barracos foram removidos, e o SAN ficou amortecido. Até que ressurgiu conosco, mães e pais que haviam participado das aulas do Padre Lourenço. E o SAN foi crescendo com o entusiasmo das famílias, dos alunos, e também da escola.”

O professor Cláudio Antônio Rondello, que foi coordenador da Pastoral e atualmente é o diretor pedagógico do Jaguaré Caminhos, confirma a vocação dos cursos de atualização religiosa. “As mães comentavam. Estavam no SAN e no Jaguaré a partir desse curso.”

“Saímos sentindo a necessidade de botar em prática o pensamento compartilhado naquele curso, agir. Padre Lourenço comentou que podíamos fazer algo no Jaguaré, na favela, uma comunidade carente. A opção preferencial pelos pobres, proposta pelo Concílio Vaticano II, encontrou no SAN um caminho de atuação. Depois, com as mensalidades do curso regular, foi possível criar e manter o curso supletivo”, reforça Abbud.

O curso de atualização religiosa com Padre Lourenço começava com Teilhard de Chardin, um padre jesuíta nascido na França em 1881, com formações e estudos em Filosofia, Letras, Teologia, Geologia, Botânica, Zoologia. Faleceu em 1955 nos Estados Unidos.

Maria Renata Cataldi Usarski, atual coordenadora da Pastoral Social, detalha. “No primeiro semestre, a partir de apostilas, ele falava de Teilhard

de Chardin, abordando temas como física quântica, química, biologia, Big Bang. No segundo semestre, abordava questões sociais.” Padre Lourenço comenta: “Realmente, eu falava muito da nova visão do Padre Teilhard de Chardin. Uma visão da evolução desde o início”.

O pensador e escritor de inúmeros livros e artigos inspirou outros pensadores e teólogos e cunhou frases profundas e reflexivas: *Agir é criar e criar é para sempre. Ação refletida e perda total são cosmicamente incompreensíveis.*

Dom Paulo Evaristo Arns, Arcebispo de São Paulo, escreveu em 1986 sobre o escritor religioso: “Teilhard de Chardin, tão exigente consigo mesmo e com a Ciência, ilumina a face do homem e sua identificação sempre crescente com Jesus, consumação última da História humana.”

Mas o que eram os cursos de atualização religiosa?

Eram oferecidos aos pais que quisessem alinhar os ensinamentos religiosos e de moral que transmitiam aos filhos em casa ao que seria abordado na escola. O Ensino Religioso é dado formalmente a partir do 2º ano do Fundamental, até o 9º ano. Assim, os pais que já quisessem entrar em sintonia com o assunto desde o 1º ano dos filhos poderiam fazer o curso com o Padre Lourenço.

Os encontros se iniciaram em 1974, quando o Colégio começou a atender todo o Fundamental I. “Como ainda não tínhamos todas as séries, o Ensino Religioso era dado a partir do 5º ano. No Fundamental I, é preciso trabalhar com a família, com os pais. Eu precisava da ajuda de uma psicóloga para abordar esse público mais jovem ainda. Entra a Suzana Cunha (orientadora nos anos 1980) no suporte do trabalho com as crianças, com os pais e o com o desenvolvimento de apostilas. A atualização é necessária porque a igreja muda, o povo muda...”

“Às vezes eu arriscava um pouquinho, dava uma opinião pessoal sobre o que a igreja teria de fazer em momento de ditadura. Algumas pessoas discordavam, chegaram a dizer para (Padre) Charbonneau que eu não era adequado para falar com os pais...” A risada tímida e divertida de Padre Lourenço ecoa pelas lembranças na sala da casa da Congregação em Campinas. Convicto de suas ideias, o religioso relembra: “Mas alguns pais voltavam no ano seguinte.

Tínhamos turmas de sala cheia, entre 30 e 50 pessoas à tarde, à noite um pouco menos. Tinha mais mães, mas também pais e avós.” Os cursos estimulavam as famílias para os trabalhos sociais – muitos entraram no SAN – e seguiram acontecendo até meados dos anos 1990.

Em 1982, Padre Lourenço definitivamente deixa as aulas para crianças e adolescentes, que já estavam com os professores leigos. “Eu tinha a coordenação do Ensino Religioso. Como não tinha mais que corrigir trabalhos de alunos, pensei em fazer muitas pesquisas e reuniões com os professores.” A Animação Espiritual foi reestruturada pela direção e passou a se chamar efetivamente de Ensino Religioso. “Eu queria que fosse Educação Religiosa, mas o termo oficial é Ensino Religioso. Eu não gosto desse termo, ensino quer dizer outra coisa, porque educação é uma formação, a educação tem que ser formativa, não é somente um treinamento.”

“E também eu já tinha feito o marco referencial da educação religiosa. E isso ainda existe, não foi modificado, mas está sendo utilizado até hoje...”

Marco referencial?

O professor Cláudio Antônio Rondello, que entrou no Colégio Santa Cruz em 1986 para ministrar o Ensino Religioso para a 8ª série, comenta: “O que eu encontrei, e até hoje é assim, é um conceito já solidificado de que Ensino Religioso é uma coisa e a catequese é outra. Parece pouco, mas não é. Um colégio confessional que tinha tamanha certeza dessa distinção era muito raro em São Paulo naquela época. A maioria falava que não ia dar catequese e sim Ensino Religioso, e dava catequese camuflada. O conceito do marco referencial era essa distinção. Devido ao Padre Lourenço. Ele trabalhava muito a equipe de pastoral. Redigia atas belíssimas, com reflexões, impasses, dúvidas. Trouxe, por meio de inúmeras reuniões, textos e documentos da igreja, uma discussão atualizada.”

O Marco Referencial da Educação Religiosa no Curso de 1º Grau formaliza a separação das três formas de presença da religiosidade na escola: no ensino curricular, na catequese e na liturgia – missas e celebrações religiosas.

“Nas aulas de Ensino Religioso, por exemplo, eu sugeria trabalhar as parábolas em forma de teatro para estudantes da 7ª série (hoje 8º ano).”

E lá iam os alunos conseguir lençóis velhos em casa para encarnar o personagem do “Semeador”...

“Cheguei a trabalhar com os professores de ensino religioso do Estado (escolas estaduais), chamado a conversar com aqueles que estavam se formando para a disciplina. E fiz uma experiência numa escola pública do Jaguaré a partir das bem-aventuranças. Demos um livro sobre as parábolas e pegávamos aquelas que podiam ser encenadas: O filho pródigo; O bom samaritano... E os alunos montavam o teatro.”

Na área de esportes coberta da escola no Jaguaré, as crianças dramatizam a história do homem que é assaltado, espancado e abandonado na beira da estrada. Dois homens passam em momentos distintos por ele, sendo um deles um sacerdote, e o ignoram. Mas o bom samaritano o acolhe, trata suas feridas e o carrega para continuar os cuidados.

“Os alunos se empenham muito na cena em que fingem bater no colega...”, ri, divertido, Padre Lourenço, na manhã fria de agosto. “Mas a ideia era proporcionar um contato com a Bíblia e seus valores, de forma não dogmática.”

Os adultos também queriam aprofundar seu contato com a Bíblia de uma forma mais adulta e culta.

Foi numa casa do Alto de Pinheiros, a poucos passos do Colégio Santa Cruz. Pessoas começam a chegar, individualmente ou em casais, pais de alunos, avós de alunos, conhecidos, cada um trazendo um prato para o lanche noturno. De 12 a 15 pessoas, que se reúnem uma noite por semana, em um sarau agradável, mas peculiar: Padre Lourenço foi convidado para continuar e aprofundar a atualização religiosa para adultos, de acordo com os interesses do próprio grupo. Foram oito anos de encontros, com direito a Missa e confraternização de Natal, até que o padre não pôde mais participar por seus compromissos fora de São Paulo.

Maria Renata Cataldi Usarski era uma das “alunas” da turma noturna de atualização religiosa que durou quase uma década. “A Malu (Maria Lúcia Montoro Jens, ex-diretora do Ensino Médio do Colégio) percebeu que eu era uma pessoa muito religiosa e me convidou para participar da Pastoral.

Mas eu ainda não me sentia preparada, minha crença era familiar, não embasada teoricamente. Então, fui fazer o curso de atualização religiosa com Padre Lourenço. Minha fé, que era ‘infantil’, foi caminhando para uma fé mais adulta.”

“Nós mesmos muitas vezes propúnhamos o tema – por que as coisas eram escritas daquela forma na Bíblia? Considerações em relação à salvação e à reencarnação – e o Padre Lourenço explicava”, recorda-se. “Muitas eram explicações exegéticas, históricas, da Bíblia”.

Padre Lourenço aprofunda: “Os catecismos eram fundamentalistas. O Gênesis por exemplo, tem ‘*estorinhas*’. É muito mais *estória* do que *história*, mas cada texto traz uma revelação. Eu mostrava onde descobrir a revelação na criação, no dilúvio... nada disso existiu, mas conta uma revelação.”

Quando o grupo acabou, Renata seguiu seu caminho pelo Mestrado de Ciências da Religião, na PUC. “O Padre Lourenço resgatou a minha espiritualidade, tornou a minha fé adulta. Mantemos uma relação de carinho e admiração. Já o convidei para falar no Curso de Crisma. Ele é um padre moderno, os alunos gostam muito dele.”

Em 2012, Renata assumiu a coordenação da Pastoral e aprofundou a proposta para a educação religiosa no Colégio. “O Ensino Religioso deve ser não dogmático, não proselitista, não doutrinário, abordando valores de todas as diversas religiões. Já a catequese é opcional e voltada para as famílias que professam a fé católica.”

O que leva de volta à questão do Marco Referencial, um documento redigido na virada dos anos 1970 para 1980 ratificando a divisão entre ensino religioso, catequese e liturgia.

O nosso marco referente à Educação Religiosa do 1º Grau (atual Ensino Fundamental) parte do contexto sociológico de uma escola católica cujo ambiente é pluralista, embora a Entidade seja confessional (Colégio católico)."

(...)

Não precisamos conhecer todos os posicionamentos religiosos dentro dos corpos discente e docente para afirmar que qualquer escola das grandes

idades brasileiras, católica, particular ou oficial, representa uma comunidade pluralista. Este pluralismo é um contínuo convite à tolerância, ao respeito e ao testemunho.

(...)

Libertação da inteligência e libertação da personalidade ainda não significam uma libertação social. A educação libertadora precisa ser também transformadora.

(...)

As aulas de Educação Religiosa têm como objetivos específicos:

(...)

Proporcionar ao educando informações oportunas, orientações e experiências ligadas à dimensão religiosa da vida que o ajude a cultivar uma atitude de abertura ao sentido radical da sua existência e a preparar-se para uma opção responsável de seu projeto de vida;

(...)

Formular em profundidade o questionamento religioso para que o aluno dê sua resposta de forma livre, coerente e engajada;

Estes são trechos das 32 páginas datilografadas com 73 referências embasando a proposta e o documento.

“O Marco Referencial escrito pelo Padre Lourenço deu segurança para seguirmos com o nosso trabalho, em acordo com a Congregação,” explica Renata. “Todos da equipe da Pastoral recebem esse material, que tem sua última versão em 1983. Ele serve de base à nossa missão.”

O documento, com caminhos próprios dentro do Colégio, chegou às mãos de Renata de maneira curiosa. “Creio que foi em uma reunião com professores de ensino religioso, quando a Malu (Montoro) saiu da direção e nos assessorou na pastoral. A professora de Ensino Religioso Maria Helena Diel Cancela disse que tinha um material que seria interessante olhar. Foi um resgate muito importante. O Marco Referencial passou a nos guiar. Chamamos o Padre Lourenço para falar com os professores alguns anos atrás. Ele diz que o material precisaria ser atualizado. Acho que não.”

Professor Cláudio Rondello observa: “É um teólogo, estudioso, lê muito, está atualizado.”

Padre Lourenço foi seguindo rumos fora do Colégio Santa Cruz aos poucos. De 1985 a 1996, atuou como pároco na Paróquia São José do Jaguaré. Nesse período, continuou na EJA até 1987, e com as aulas de atualização religiosa para pais até meados dos anos 1990. Depois foi para Campinas e assumiu a Paróquia Santa Teresa de Ávila.

“Fiquei em Campinas de 1996 a 2007, como administrador paroquial. Depois fui a Mauá, como administrador paroquial. Já não tenho idade para ser nomeado pároco. Estou com 83 anos”.

Na casa da Congregação de Santa Cruz, em Campinas, Padre Lourenço reside há dois anos e meio. Ele mostra com alegria a horta com verduras e temperos viçosos. Uma cadela idosa e um cachorro peludo e cego vêm acercar-se das visitas ao jardim. “Debaixo daquela árvore está o material onde eu mexo com as minhas mudas. Eu gosto da natureza, de fazer alguma jardinagem enquanto a idade permite... Gosto de ler e escrever um pouco... E estou atrasado em muita coisa que queria fazer. Também sou um padre auxiliar da paróquia, quer dizer que não tenho função fixa. A secretária (da paróquia) me telefona toda semana e avisa onde vou rezar a missa. Muitas vezes missa na quarta-feira, nos fins de semana. Por semana rezo missa umas cinco vezes... Uma só aqui na casa, na terça. Já fui a fazendas... Tem umas que realizam uma missa por mês. Coisas de que eu gosto. Sair e encontrar gente, consigo me comunicar facilmente, mesmo com crianças. Meu novo divertimento é trabalhar na horta. Trabalhar com mudas, com flores. E descansar mesmo. Não tenho físico para fazer o que fazia antigamente.”

Apesar da idade e da distância, Padre Lourenço continua conectado com sua missão de vida. “Eu falei para a Renata (Cataldi, da Pastoral) que entregaria esse texto a ela. Tem mais referências...” Chama-se ‘Ensino Religioso e catequese: um diálogo possível’, assinado por Robson Stigar, Mestre em Ciências da Religião, publicado na revista Vida Pastoral número 291 de 2013.

Para Renata, um bilhete oral:

“O Marco Referencial foi elaborado nos anos 1970 e 1980. Uma cópia mais divulgada foi finalizada em 1983. Sendo ainda atual em nosso Colégio, ele precisaria de referências mais recentes. Portanto, deixo com você uma cópia de um trabalho publicado na Vida Pastoral em 2013, se não me engano...”

E Padre Lourenço segue na sua missão de combinar estudo e ação: a educação social daqueles do curso diurno e o direito à educação dos que frequentam os cursos noturnos; razão, fé e sensibilidade.

Série “Santa Cruz de Perfil”

Edições já publicadas:

Padre José Amaral de Almeida Prado: sacerdote da esperança,
educador de minúcias
(setembro de 2015)

Padre Roberto Grandmaison: fermento na massa
(setembro de 2016)

Padre Paul-Eugène Charbonneau: o boxeador que ensinava a pensar
(setembro de 2017)

Padre Lourenço Roberge: razão, fé e sensibilidade
(setembro de 2018)